

# Compasso de espera na campanha sucessória

■ Candidatos freiam corrida eleitoral para se adaptarem à expectativa que a nomeação de Fernando Henrique Cardoso criou

FRANKLIN MARTINS E  
AUGUSTO FONSECA

BRASÍLIA — A boa repercussão da nomeação do senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) para o Ministério da Fazenda não mexeu apenas com a economia, infundindo otimismo em empresários, trabalhadores e investidores. Na arena política, decretou um imediato congelamento da corrida sucessória, obrigando os candidatos, declarados ou não, a modificarem seus planos e adotarem um comportamento mais discreto. "Todo mundo teve de recolher o trem de pouso", comentou o ex-ministro Jorge Bornhausen, um estrategista experiente, que até os adversários aprenderam a respeitar.

O fato de o desempenho da economia poder transformar Fernando Henrique Cardoso num forte candidato à Presidência mostrou que o debate sucessório polarizado entre um nome de esquerda e outro de direita — Luis Inácio Lula da Silva e Paulo Maluf —, com Leonel Brizola correndo por fora, era artificial. As campanhas iniciadas precocemente tiveram de ser suspensas, para se adaptarem ao novo quadro. "Lula e Maluf cometeram o erro de se expor muito e cedo demais. Tiveram de dar uma travada e recuar", analisa o deputado José Genoíno (PT-SP).

**Queda** — Lula, líder nas pesquisas de opinião mas apresentando queda expressiva em seus índices de preferência, resolveu voltar-se para o interior de seu partido, a fim de resolver as disputas das diversas correntes petistas. O virtual candidato do PPR, Paulo Maluf, decretou unilateralmente uma trégua de 60 dias no debate nacional, avisando que vai se concentrar na administração do município de São Paulo. Brizola também está com problemas internos, tentando conter a insatisfação na bancada de deputados federais do PDT, que perdeu seis integrantes.

Bornhausen acredita que o efeito Fernando Henrique jogou o debate sucessório para 60 ou 90 dias à frente. "Mal comparando com a Fórmula Indy, essa trégua é uma espécie de bandeira amarela. O carro-madrinha entrou na pista, o que é bom para quem está com problemas, pois tem a chance de ir para os boxes ajustar o carro", diz o ex-ministro. Para ele, se Fernando Henrique se sair bem, essa trégua provavelmente será prorrogada, com o ministro da Fazenda passando a ser uma importante peça no quebra-cabeças da sucessão. "Mas, se for mal, o debate voltará a entrar na ordem do dia com toda a força", avalia.

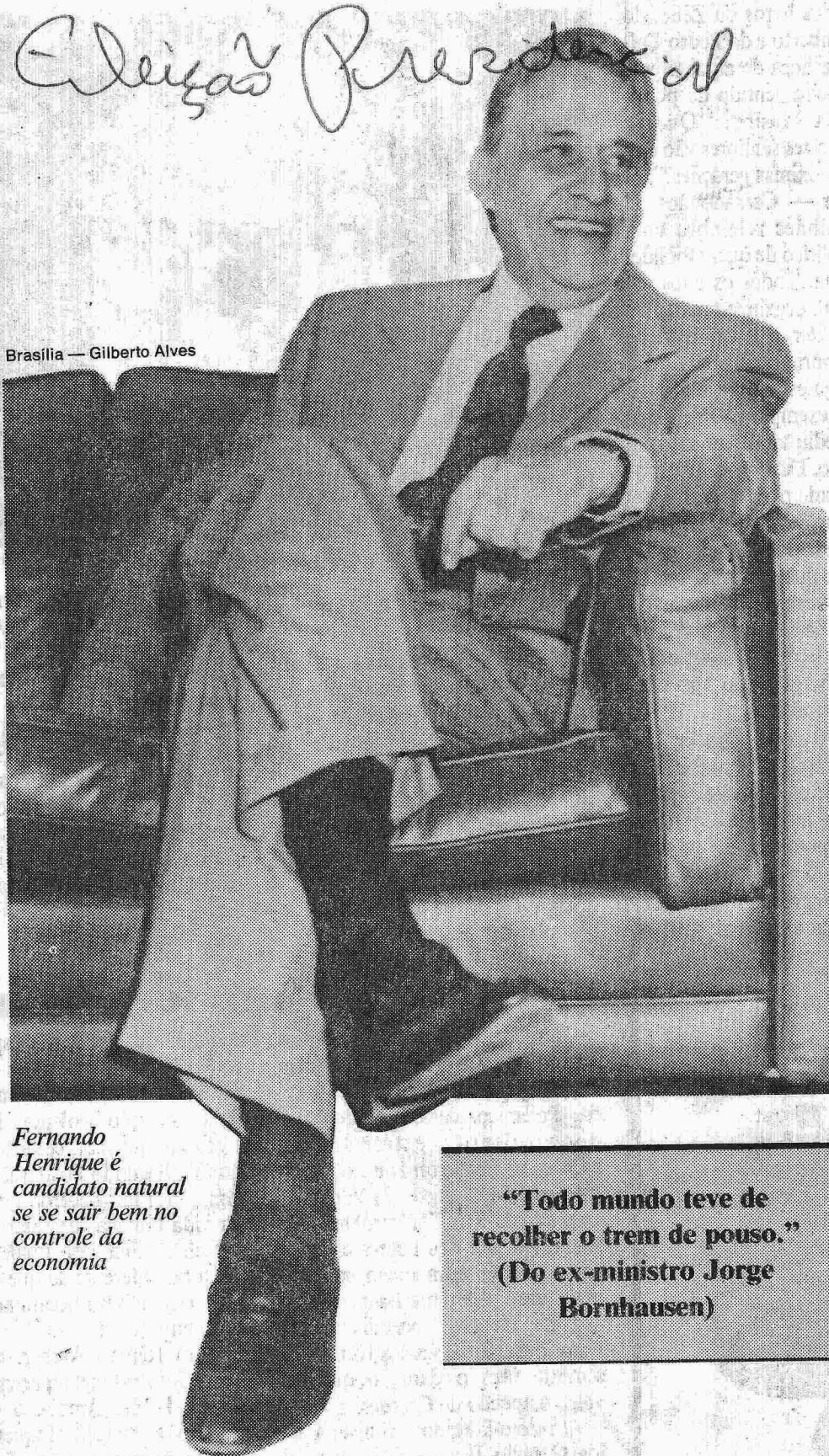
Para o PMDB, recém-saído da crise detonada com a renúncia de Orestes Quercia à presidência do partido, o congelamento da corrida sucessória caiu do céu. A parceria com o PSDB, tida como impossível há alguns meses, começou a ganhar contornos com a entrada de Fernando Henrique no Ministério, endossada pelo governador Luiz Antônio Fleury Filho.

**Forças** — O líder do partido na Câ-

mara, Genebaldo Correia (BA), acredita na possibilidade de uma candidatura comum a todos os partidos no governo: além do PMDB e do PSDB, o PTB, o PP, PPS e parte do PFL. "Essas forças e o governo podem produzir uma candidatura com condições de passar para o segundo turno", afirma Genebaldo. Os nomes de Fleury, do ministro Antônio Britto, do ex-presidente José Sarney, do deputado Ibsen Pinheiro (RS), todos do PMDB, e o de Fernando Henrique, pelo PSDB, são os mais cotados para cabeça-de-chapa dessa articulação, cujas chances dependem, em grande parte, do sucesso do senador tucano no comando da economia.

O deputado e ex-ministro da Ação Social Ricardo Fiúza (PFL-PE) acha que os governistas estão otimistas demais. Para ele, o ministro da Fazenda não tem condições objetivas de vencer a inflação a curto prazo. Em sua avaliação, o máximo que Fernando Henrique pode conseguir é impedir a hiperinflação até outubro, início da revisão constitucional, segurando os índices em torno de 40%. "Se o Fernando Henrique não fizer nenhum milagre de congelamento, pacote heterodoxo, ou outra coisa que deixe a sociedade entorpecida por algum tempo, creio que as teses neoliberais, que são as nossas, terão boas chances de serem aceitas pela sociedade".

Brasília — Gilberto Alves



Fernando Henrique é candidato natural se se sair bem no controle da economia

"Todo mundo teve de recolher o trem de pouso."  
(Do ex-ministro Jorge Bornhausen)

## A situação dos presidenciais

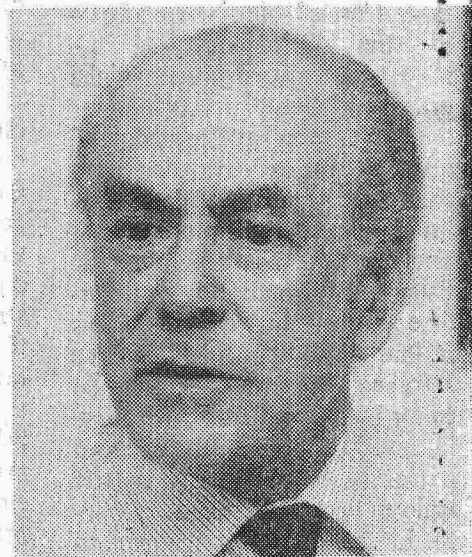
■ **Fernando Henrique** — Há três semanas, o novo ministro da Fazenda sequer entrava na planilha que os funcionários dos institutos de pesquisa de opinião apresentam aos entrevistados. A reação francamente favorável da opinião pública, especialmente das elites, à sua nomeação, porém, mostrou que ele pode ser uma carta forte na corrida sucessória, especialmente se for bem sucedido no comando da economia. Fernando Henrique, no entanto, vai caminhar no fio da navalha. Para domar a inflação, precisa do apoio de todos — especialmente do PMDB. Portanto, não pode dar o menor sinal de que é candidato à Presidência. Suas pretensões terão de surgir naturalmente.



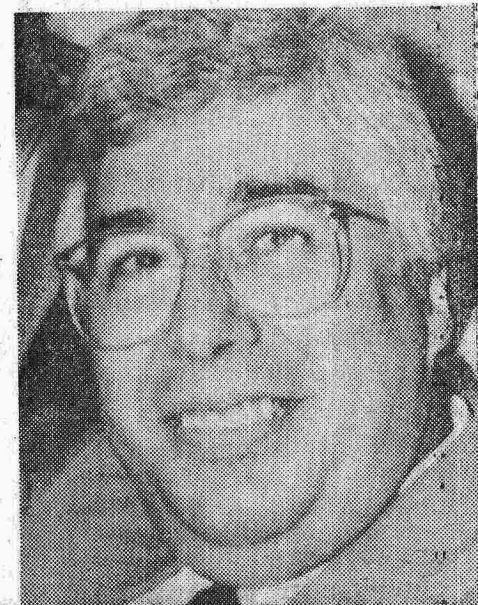
■ **Lula** — Maio foi um mês péssimo para Lula. A caravana de Garanhuns (PE) a São Paulo terminou melancolicamente. A imagem que ficou foi a da incontinência verbal de Lula, usando palavras para se referir à mãe do presidente Itamar Franco. Certamente não ganhou nenhum voto com isso. Outro problema para Lula: os xiitas ganharam o controle dos mais importantes diretórios regionais do PT. Tudo indica que vão vencer o próximo congresso nacional do partido, o que pode comprometer o esforço do candidato petista para se aproximar do empresariado e livrar-se da imagem de bicho-papão. Além disso, a nomeação de Fernando Henrique Cardoso obrigará Lula a ser mais cauteloso nas críticas ao governo. Afinal, ele espera ter os votos dos tucanos no segundo turno das eleições de 1994 — se chegar lá, é claro.



■ **Maluf** — O prefeito de São Paulo vive um dilema. Expondo-se antes do tempo, corre o risco de se desgastar. Mas se optar por um comportamento mais discreto, pode perder o lugar no eleitorado conservador (que constitui sua principal base de apoio) para outro candidato. No mês passado, saiu um pouco da cena nacional, sob o pretexto de dar uma trégua de 60 dias ao ex-ministro Eliseu Resende. Resultado: o ex-presidente José Sarney cresceu fortemente nas pesquisas, o que pode abalar os planos de Maluf, que só largará a Prefeitura de São Paulo caso tenha chances reais de ir para o segundo turno. A amigos, Maluf tem dado a entender que pode moderar suas pretensões em 1994. Em vez do Palácio do Planalto, disputaria o governo de São Paulo.



■ **Brizola** — Se fosse candidato à Presidência da República dos Pampas, e não do Brasil, dificilmente perderia a eleição. É o primeiro disparado na região Sul do país — o segundo lugar é dos votos em branco. Seu problema é que, à exceção do Rio de Janeiro, não consegue penetrar no resto do país. Nas últimas semanas, Brizola está às voltas com um forte descontentamento dentro da bancada federal do PDT. Vários deputados já deixaram o partido, outros ainda podem sair. Mas o governador do Rio conseguiu uma vitória importante: abortou as articulações que queriam levar o ex-prefeito, de Curitiba Jaime Lerner a disputar a candidatura presidencial do PDT.



■ **Luiz Antônio Fleury** — Fortemente abalado com a renúncia de Quercia à presidência do PMDB, o governador de São Paulo logrou se recuperar um pouco durante a reforma ministerial. Foi hábil ao encampar descontentamento das bases do PMDB com o crescimento da influência dos tucanos dentro do governo, afirmando sua liderança. Foi mais hábil ainda ao evitar que esse sentimento detonasse uma guerra contra o PSDB, estabelecendo rapidamente as condições para uma parceria com Fernando Henrique. Outro ponto importante: acertou uma trégua com Quercia. Mas sua posição ainda é frágil. As principais lideranças de seu partido acham que Fleury não tem cacife para sonhar com o Planalto.

■ **Sarney** — Está em estado de graça com a última pesquisa do Ibope, que o colocou em segundo lugar na preferência do eleitor, com 17% das intenções de voto — empatado tecnicamente com Lula, que teve 20%. Acha que as pesquisas mostram que o povo está reparando uma injustiça, especialmente por ter acreditado nas críticas de Collor a Sarney, durante a campanha de 89. Isso seria comprovado pelo fato de o ex-presidente obter seus melhores índices entre os *descamisados*. Mas Sarney continua cauteloso. Avalia que dificilmente conseguirá ser o candidato do PMDB, mas não pretende deixar o partido. Quer acabar com a imagem de que é um camaleão. A ideia de voltar pelo voto o agrada.